



PRÉMIOS IRGA 2013



Informação é o centro da relação com investidores

Financiamento Com falta de liquidez e dificuldade de acesso a capitais, o relacionamento com os investidores é uma questão de sobrevivência.

António Freitas de Sousa
antonio.sousa@economico.pt

Num país onde o financiamento é escasso, caro – ou está refém de um jogo de acusações entre a banca (que diz que tem dinheiro e não tem projectos) e as empresas (que dizem que não têm balanço para as novas exigências) – a procura de investidores directos no capital pode ser uma saída interessante. Num duplo sentido: por ser mais barato; e porque um sócio-capitalista (uma designação que foi caindo em desuso) tem naturalmente apetência por algum risco – o que, no caso, quer dizer que estará pronto a sacrificar ganhos imediatos em favor da sustentabilidade do negócio.

É nesse quadro que a relação entre determinada empresa e os seus accionistas (ou investidores) assume uma preponderância que não tinha até aqui. Essa relação “deve ser pautada por um conjunto de princípios a que qualquer empresa deve submeter-se: qualidade da informação, acesso e transparência”, diz o economista Alberto Castro ao Económico. E enfatiza que estes princípios são de algum modo universais: “servem tanto para os investidores nacionais como para os estrangeiros, no caso de os haver”. Mais: são regras que também devem pautar a actuação das empresas no caso de no seu horizonte estar a internacionalização.

“Há várias empresas na Bolsa portuguesa que justificam o investimento”, afirma, por seu turno, o economista António Gomes Mota, para quem, “no contexto internacional, a imagem de Portugal está a melhorar”. Necessário é que – e este será por certo parte do papel dos investor relations (IR) – “sejam capazes de as vender” a quem tem fundos de maneo disponíveis para investimento.

Essa é, aliás, a proposta do economista João Duque: “tem de se vender Portugal usando as técnicas de marketing; experimentem”, afirma, para concluir que uma empresa pode bem seguir os mesmos pressupostos – no que constitui uma “grande janela de oportunidade” para os IR.

Esta será por certo uma das formas de as empresas nacionais se libertarem da pressão da economia. Ou seja, como afirmava



Os investidores estrangeiros podem ficar admirados com o nosso país; a Justiça, por exemplo, está muito melhor.

João Duque
Professor e presidente do ISEG



Os investor relations têm de ser capazes de apresentar bons investment cases portugueses; há vários na Bolsa.

António Gomes Mota
Professor do ISCTE Business School



Há um conjunto de princípios a que qualquer empresa deve submeter-se: qualidade da informação, acesso e transparência.

Alberto de Castro
Professor Universidade Católica do Porto

Alberto Castro, “a crise trouxe a subalternização da micro pela macro economia, penalizando as empresas só por terem determinada nacionalidade” – o que pode ser um problema de solução difícil se em causa estiver, por exemplo, a entrada de um investidor internacional.

Bolsa versus banca
Mas não só: processo de internacionalização empresarial (seja por mera expedição de mercadorias, seja por investimento directo em mercados terceiros) também pode sofrer com a nacionalidade da sede social da organização.

Sendo esse problema que não está nas mãos de ninguém alterar, tanto Alberto Castro como António Gomes Mota afirmam não entender porque é que o Governo não faz – ao contrário do que pedem os empresários e o Governador do Banco de Portugal – uma discriminação positiva em sede fiscal da captação de capitais próprios por via da bolsa, ao invés de manter incentivos à contratação de empréstimos bancários.

“Isso custa a compreender: é daquelas coisas com que toda a gente concorda e depois anda-se a arrastar os pés... parece miopia, porque os valores de que estamos a falar seriam suportáveis para o fisco”, diz Alberto Costa.

Da mesma forma, Gomes Mota considera que qualquer medida nesse sentido seria bem-vinda, não só para as empresas, como também para o próprio mercado de capitais português, que dá mostras de pouca saúde.

Só João Duque tem dúvidas sobre a bondade de tais medidas. Para o economista, até é certo que “talvez estivesse na altura de as empresas alterarem a sua estrutura de financiamento, mas há muitas empresas com endividamento sobre garantias reais”, recorda. Ora, isso altera tudo: “uma dívida com garantias reais é uma dívida quase sem risco” e talvez estivesse na altura de a banca arriscar um bocadinho mais.

Seja como for, e num país que esta semana deu mais um tropeção na sua caminhada para a porta de saída da crise, o papel dos técnicos que, nas empresas, tratam do relacionamento entre as organizações e os investidores pode ser a diferença entre a sobrevivência e o fracasso. ■



Fotografia de família dos vencedores dos IRGA 2012, há um ano no Convento do Beato, em Lisboa.

Lifetime Achievement em Mercados Financeiros
Ricardo Salgado

Melhor CEO
Zeinal Bava
Portugal Telecom

Melhor Estratégia Global
EDP - Energias de Portugal

Melhor Casa de Research
Banco BPI

ENTREVISTA PATRÍCIA VIEIRA PINTO presidente do Fórum

“Há um interesse

Empresas precisam de medidas que facilitem o acesso às fontes de financiamento.

António Freitas de Sousa
antonio.sousa@economico.pt

Depois de anos de grande dificuldade, Patrícia Vieira Pinto, presidente do Fórum Investor Relations (FIR), considera que há uma espécie de redescoberta das empresas portuguesas por parte de investidores internacionais. Mas não deixa de alertar para o facto de os riscos conhecidos até há pouco poderem regressar em força, face à instabilidade política que voltou a marcar a agenda.

Dizia há um ano que era difícil manter as empresas portuguesas no radar dos investidores internacionais. Passados 12 meses, que leitura faz da questão?

Nos últimos meses, temos visto um interesse crescente por parte de investidores internacionais em adquirir acções de empresas portuguesas. A diminuição do risco percebido em relação a Portugal, talvez pelo facto de Portugal se ter mostrado cumpridor desde a primeira avaliação da ‘troika’, tem trazido credibilidade ao país. Este factor, associado ao trabalho muito intenso por parte dos IR para promover Portugal e as empresas portuguesas, tem contribuído positivamente para uma aproximação dos investidores estrangeiros ao nosso país.

Isso quer dizer que o risco-país aumentou este ano?

Estou convencida que o risco-país diminuiu ao longo dos últimos 12 meses. Uma das ‘proxys’ utilizada para tirar esse tipo de conclusões é a ‘yield’

PONTOS CHAVE

● A 26ª edição da gala dos investor Relations & Governance Awards realiza-se hoje, a partir das 19 horas, no Convento do Beato, em Lisboa.

● O grau de atractividade de um país, medido pela quantidade de investimento estrangeiro, é uma das principais preocupações de qualquer investor relations.

● A troca de experiências internacionais entre investor relations portugueses e estrangeiros é prioritária para o Fórum Investor Relations.



Paulo Figueiredo

Nomeados para os prémios IRGA 2013

São sete as categorias dos Prémios IRG com nomeados para a gala do Convento do Beato, em Lisboa.

As nomeações para os prémios a atribuir hoje à noite são:

Melhor CEO
António Mexia - EDP
Fernando Ulrich - Banco BPI
Manuel Ferreira de Oliveira - Galp Energia
Paulo Azevedo - Sonae
Pedro Soares dos Santos - Jerónimo Martins
Zeinal Bava - Portugal Telecom

Melhor CFO
Alan Johnson - Jerónimo Martins
Amílcar Morais Pires - Banco Espírito Santo
José Pedro Pereira da Costa - Zon Multimédia
Luís Pacheco de Melo - Portugal Telecom
Rui Teixeira - EDP Renováveis

Melhor Investor Relations
Cláudia Falcão - Jerónimo Martins
João Vermelho - Mota-Engil
Miguel Viana - EDP
Tiago Villas-Boas - Galp Energia

Melhor Gestor de Fundo
Diogo Pimentel - Santander Gestão de Activos
Gonçalo Pestana - Espírito Santo Investment Bank
João Fidalgo - Caixa - Gestão de Activos
Pedro Pintassilgo - F&C Portugal

Melhor Analista de Mercado
Alexandra Delgado - Millennium BCP Gestão de Activos
António Seladas - Millennium BCP Gestão de Activos
Bruno Silva - Banco BPI
Filipe Rosa - Espírito Santo Investment Bank
Nuno Estácio - Espírito Santo Investment Bank

Melhor Estratégia Global
EDP
Galp Energia
Jerónimo Martins
Portugal Telecom

Melhor Casa de Research
Banco BPI
Espírito Santo Investment Bank

Os prémios Lifetime Achievement, Melhor Performance em Bolsa, Melhor Relatório do Sector Financeiro e Melhor Relatório do Sector Não Financeiro, são de deliberação directa do júri. ■

OS VENCEDORES DE 2012

Melhor CFO
Amílcar Morais Pires
 Banco Espírito Santo

Melhor Investor Relations
Cláudia Falcão
 Jerónimo Martins

Melhor Analista
Filipe Rosa
 Espírito Santo Investment Bank

Melhor Gestor de Fundo
Pedro Pintassilgo
 F&C Portugal

Melhor Performance em Bolsa
Jerónimo Martins

Melhor Relat. Sect. Financeiro
Banco BPI

Melhor Rel. Sec. Não Financeiro
EDP - Energias de Portugal

Melhor Relat. e Inform. SEE
CTT - Correios de Portugal

Investor Relations

crescente por empresas portuguesas”

portuguesa, a taxa que os investidores supostamente exigem para comprarem a nossa dívida soberana, e que aumenta com o risco, mas que tem vindo a baixar nos últimos meses. No entanto, a instabilidade política das últimas horas é um factor perturbador da evolução futura.

Que trabalho pode a associação que dirige fazer nesse mesmo sentido?

A associação tem promovido a continua troca de experiências e conhecimentos entre os profissionais que trabalham nesta área, não apenas entre os IR das empresas cotadas mas também com congéneres europeias. Ainda na semana passada estivemos presentes em Bruxelas num evento organizado conjuntamente pelas associações de IR de França, Bélgica e Holanda, no sentido de debater os temas



Patrícia Vieira Pinto
 Presidente do Fórum Investor Relations

O mercado de capitais “tem sido um facilitador da entrada de capitais estrangeiros no nosso País, bem como contribuído para a promoção do crescimento de muitas empresas nos últimos anos”, refere a presidente do Fórum - outro dos facilitadores.

mais atuais nas nossas áreas de actividade. Este evento contou com certa de 80 IR das quatro associações e 15 oradores de diferentes áreas. Esta troca de experiências e conhecimentos entre os IR, e com aqueles com quem trabalhamos, tem contribuído para fortalecer conhecimentos e fomentar o networking, que ajuda a promover as empresas onde trabalhamos e Portugal.

Considera possível que mais grandes empresas deixem o país e assumam as suas sedes em países terceiros (como a Holanda)?

A estrutura organizativa e a estratégia corporativa de cada empresa tem em conta os investimentos internacionais que formam o seu portefólio de negócios, pelo que cada empresa terá a sua visão relativamente a

este assunto. Creio que o mais importante para as empresas e para os investidores é que em Portugal exista um enquadramento fiscal estável e um sistema legal célere.

Que medidas deveria o Governo implementar para alterar a relação das empresas (em particular as PME) com as bolsas?

Qualquer medida que facilite o acesso a financiamento é obviamente benéfica para as empresas em geral e para as PME em particular. No caso específico de investidores estrangeiros, penso que ajudaria se houvesse melhor informação disponível, em termos legais e em termos de benefícios fiscais para quem quer investir em Portugal, bem como, uma aposta visível na estabilidade do enquadramento legal e fiscal em torno das actividades de investimento. ■